



A Senda nos

Estudos da

Língua Portuguesa

Fabiano Tadeu Grazioli
(organizador)

 **Atena**
Editora
Ano 2019

Fabiano Tadeu Grazioli
(Organizador)

A Senda nos Estudos da Língua Portuguesa

Atena Editora
2019

2019 by Atena Editora
Copyright © Atena Editora
Copyright do Texto © 2019 Os Autores
Copyright da Edição © 2019 Atena Editora
Editora Executiva: Prof^a Dr^a Antonella Carvalho de Oliveira
Diagramação: Natália Sandrini
Edição de Arte: Lorena Prestes
Revisão: Os Autores

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores. Permitido o download da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

Conselho Editorial

Ciências Humanas e Sociais Aplicadas

Prof. Dr. Álvaro Augusto de Borba Barreto – Universidade Federal de Pelotas
Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília
Prof. Dr. Constantino Ribeiro de Oliveira Junior – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof^a Dr^a Cristina Gaio – Universidade de Lisboa
Prof. Dr. Deyvison de Lima Oliveira – Universidade Federal de Rondônia
Prof. Dr. Gilmei Fleck – Universidade Estadual do Oeste do Paraná
Prof^a Dr^a Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionele delle Figlie de Maria Ausiliatrice
Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense
Prof^a Dr^a Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins
Prof^a Dr^a Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Prof^a Dr^a Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Prof^a Dr^a Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins

Ciências Agrárias e Multidisciplinar

Prof. Dr. Alan Mario Zuffo – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Alexandre Igor Azevedo Pereira – Instituto Federal Goiano
Prof^a Dr^a Daiane Garabeli Trojan – Universidade Norte do Paraná
Prof. Dr. Darllan Collins da Cunha e Silva – Universidade Estadual Paulista
Prof. Dr. Fábio Steiner – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul
Prof^a Dr^a Girlene Santos de Souza – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Prof. Dr. Jorge González Aguilera – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Ronilson Freitas de Souza – Universidade do Estado do Pará
Prof. Dr. Valdemar Antonio Paffaro Junior – Universidade Federal de Alfenas

Ciências Biológicas e da Saúde

Prof. Dr. Benedito Rodrigues da Silva Neto – Universidade Federal de Goiás
Prof.^a Dr.^a Elane Schwinden Prudêncio – Universidade Federal de Santa Catarina
Prof. Dr. Gianfábio Pimentel Franco – Universidade Federal de Santa Maria
Prof. Dr. José Max Barbosa de Oliveira Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará

Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Profª Drª Raissa Rachel Salustriano da Silva Matos – Universidade Federal do Maranhão
Profª Drª Vanessa Lima Gonçalves – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande

Ciências Exatas e da Terra e Engenharias

Prof. Dr. Adélio Alcino Sampaio Castro Machado – Universidade do Porto
Prof. Dr. Eloi Rufato Junior – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Fabrício Menezes Ramos – Instituto Federal do Pará
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Takeshy Tachizawa – Faculdade de Campo Limpo Paulista

Conselho Técnico Científico

Prof. Msc. Abrãao Carvalho Nogueira – Universidade Federal do Espírito Santo
Prof. Dr. Adaylson Wagner Sousa de Vasconcelos – Ordem dos Advogados do Brasil/Seccional Paraíba
Prof. Msc. André Flávio Gonçalves Silva – Universidade Federal do Maranhão
Prof.ª Drª Andreza Lopes – Instituto de Pesquisa e Desenvolvimento Acadêmico
Prof. Msc. Carlos Antônio dos Santos – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Msc. Daniel da Silva Miranda – Universidade Federal do Pará
Prof. Msc. Eliel Constantino da Silva – Universidade Estadual Paulista
Prof.ª Msc. Jaqueline Oliveira Rezende – Universidade Federal de Uberlândia
Prof. Msc. Leonardo Tullio – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof.ª Msc. Renata Luciane Polsaque Young Blood – UniSecal
Prof. Dr. Welleson Feitosa Gazel – Universidade Paulista

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) (eDOC BRASIL, Belo Horizonte/MG)	
A474	A senda nos estudos da língua portuguesa [recurso eletrônico] / Organizador Fabiano Tadeu Grazioli. – Ponta Grossa, PR: Atena Editora, 2019. – (A Senda nos Estudos da Língua Portuguesa; v.1) Formato: PDF Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader Modo de acesso World Wide Web Inclui bibliografia ISBN 978-85-7247-492-4 DOI 10.22533/at.ed.924192407 1. Língua portuguesa – Estudo e ensino. 2. Língua portuguesa – Pesquisa – Brasil. I. Grazioli, Fabiano Tadeu. II. Série. CDD 469.5
Elaborado por Maurício Amormino Júnior – CRB6/2422	

Atena Editora
Ponta Grossa – Paraná - Brasil
www.atenaeditora.com.br
contato@atenaeditora.com.br

Atena
Editora

Ano 2019

APRESENTAÇÃO

A imagem do caleidoscópio pode representar de maneira satisfatória este primeiro volume de *A senda nos estudos da Língua Portuguesa*, isso porque – sendo o referido aparelho óptico formado internamente por pequenos fragmentos de vidro colorido e espelhos inclinados, que, através do reflexo da luz exterior, apresentam combinações variadas a cada movimento – os trabalhos que compõem o volume partem de diferentes veredas do âmbito das linguagens para se unirem e oferecerem um panorama diverso e complexo de estudos que, dependendo do movimento e da perspectiva de quem olha/lê, pode apresentar múltiplos caminhos (ou sendas, como bem registramos no título) que, contemporaneamente, a Língua Portuguesa percorre no âmbito das pesquisas acadêmicas.

Do lugar de que olhamos para o caleidoscópio agora, como organizadores da obra – que é a experiência de quem olha para cada fragmento de vidro colorido, cada um por sua vez –, cabe fazer alusão à temática de cada capítulo-fragmento, na tentativa de transmitir a multiplicidade de enfoques que as linguagens recebem aqui. Assim, cabe listar como temáticas dos capítulos, na ordem que aqui aparecem: o processo metaenunciativo de (re) construção de sentidos na densidade dialógica dos discursos estéticos e textuais, via enunciados parafrásicos; o ensino de língua pelo caminho do gênero textual; a linguagem jurídica em uma perspectiva linguística, para fins de melhorar a relação entre o Direito e o cidadão comum, facilitando, assim, seu acesso à Justiça; a constituição do *ethos* discursivo dos pronunciamentos presidenciais dos países lusófonos Angola e Brasil, da década de 1990, uma vez que esses dois países têm um passado em comum e trazem semelhanças resultantes das ações do período da colonização portuguesa; a reconstrução e a resignificação da história de vida dos Candangos, primeiros moradores de Brasília, partindo da análise de um conjunto de fotografias e de entrevistas.

Na sequência, os capítulos tratam da descrição das categorias nominais gênero linguístico e número sintático em Português Europeu, em confronto com sua ausência em línguas de modalidade diferente em contacto com o Português – o Tétum e o Caboverdiano; do processo de intensificação adjetival que ocorre no português falado no Brasil, mais especificamente na cidade do Rio de Janeiro, a partir da Gramática Funcional do Discurso, da Teoria Semântica Lexical e pelo Interculturalismo; do impacto que um trabalho com linguagem escrita, numa perspectiva sociointeracionista, tem sobre a formação de alunos com idade entre três e quatro anos (que contituiam, no momento da execução da proposta, uma turma de maternal II), especialmente em relação à formação de futuros leitores; da intercompreensão entre o português, o espanhol e o francês como estratégia para ensinar o português – língua não materna – a alunos franceses, em universidades francesas.

Ainda seguindo o caminho anunciado no Sumário, os capítulos seguintes

abordam: as unidades fraseológicas portuguesas corpo humano; a análise do léxico, em uma abordagem discursiva, investigando as lexias que podem ser típicas da fala do homem acreano, no contexto do romance *O Empate*, de Florentina Esteves, uma escritora acreana; os processos enunciativos e, portanto, discursivos e interacionais no uso da materialidade sincrética no *site* da escritora Angela Lago, que tem como interlocutor o público infantil; a identidade e a subjetividade do negro nos ladrões (versos improvisados) do Marabaixo, manifestação da cultura afro-amapaense, à luz de pressupostos da análise do discurso de base francesa; o tratamento e apresentação de termos de áreas científicas nos minidicionários escolares do tipo 3, desenvolvidos para alunos do Ensino Fundamental II, público que usa com frequência o referido material; o uso de operadores argumentativos na construção de enunciados de editoriais, apresentando-os como correspondentes aos lugares da retórica clássica; a educação prisional sob a ótica foucaultina.

No último apanhado de textos, encontramos um capítulo que enfatiza uma abordagem teórica sobre a definição de literatura e o seu caráter artístico e estético; a produção seguinte trata da relação entre os estudos do pensador Mikhail Bakhtin e letras das canções de Tom Zé; outro capítulo focaliza o estudo da poesia medieval, tanto das cantigas profanas, quanto das cantigas religiosas; a seção posterior realiza uma análise do episódio “Os Doze de Inglaterra”, da obra *Os Lusíadas*, de Luís de Camões, tendo como ponto de partida aspectos literários e sintáticos; depois, um estudo que observa a descortesia estratégica proferida pelos personagens no romance *Meu destino é pecar*, de Nelson Rodrigues, demonstrando que as relações de interação são construídas por meio de estratégias argumentativas para atacar a imagem do interlocutor; e fecha a obra um capítulo no qual a pesquisa reflete sobre o papel do docente mediador na constatação de casos de violência contra crianças na turma sob sua responsabilidade.

Os estudos apresentados foram produzidos por pesquisadores de diversas instituições nacionais e estrangeiras, como o leitor poderá perceber na abertura de cada texto. As metodologias de pesquisa também são diversas, uma vez que a multiplicidade só pode ser a marca de uma coletânea que é organizada a partir de uma chamada com abertura para o diverso.

Agora, cabe ao leitor que chegou até a obra-caleidoscópio mirá-la a partir do seu enfoque e buscar no conjunto de perspectivas que a experiência da leitura que um artefato tão diverso pode oferecer, os textos que são do seu interesse. Que a experiência da leitura seja tão interessante quanto é olhar para um ponto fixo pelo enquadramento do caleidoscópio.

Fabiano Tadeu Grazioli

SUMÁRIO

CAPÍTULO 1	1
ANÁLISE DO DISCURSO ESTÉTICO E OUTROS GÊNEROS TEXTUAIS PARA FORMAÇÃO DE PROFESSORES: UM PROCESSO METAENUNCIATIVO DE MÚLTIPLAS LEITURAS	
Maria Bernardete da Nóbrega Maria das Dores Oliveira de Albuquerque	
DOI 10.22533/at.ed.9241924071	
CAPÍTULO 2	15
A DIDÁTICA DA ESCRITA NO ENSINO DE PORTUGUÊS	
Cleide Inês Wittke Jossemar de Matos Theisen	
DOI 10.22533/at.ed.9241924072	
CAPÍTULO 3	30
A SIMPLIFICAÇÃO DA LINGUAGEM JURÍDICA COMO INSTRUMENTO FUNDAMENTAL DE ACESSO À JUSTIÇA	
Luciana Helena Palermo de Almeida Guimarães	
DOI 10.22533/at.ed.9241924073	
CAPÍTULO 4	49
ANGOLA E BRASIL – PODER E DISCURSO POLÍTICO A CONSTITUIÇÃO DO ETHOS DISCURSIVO DE PRONUNCIAMENTOS PRESIDENCIAIS	
Patrícia Martins Mafra	
DOI 10.22533/at.ed.9241924074	
CAPÍTULO 5	63
A FOTOGRAFIA COMO MEMÓRIA NA VIDA DOS CANDANGOS: UMA ANÁLISE NA PERSPECTIVA DE BARDIN	
Rita Barreto de Sales Oliveira	
DOI 10.22533/at.ed.9241924075	
CAPÍTULO 6	79
CONHECIMENTOS CIENTÍFICOS SOBRE AS CATEGORIAS NOMINAIS E ENSINO DA LÍNGUA PORTUGUESA	
Celda Maria Gonçalves Morgado Ana Sofia do Carmo Lopes	
DOI 10.22533/at.ed.9241924076	
CAPÍTULO 7	91
PROCESSOS DE SISTEMATIZAÇÃO NA SELEÇÃO LEXICAL EM PLE/PL2: A INTENSIFICAÇÃO DO ADJETIVO	
Adriana Ferreira de Sousa de Albuquerque	
DOI 10.22533/at.ed.9241924077	
CAPÍTULO 8	103
“NA PRÁTICA, A TEORIA É OUTRA”: RELATO DE UMA EXPERIÊNCIA DE ENSINO DA ESCRITA EM UMA ESCOLA NA FRONTEIRA BRASIL-PARAGUAI	
Ana Carolina Vilela-Ardenghi Adriana Sadagurschi	
DOI 10.22533/at.ed.9241924078	

CAPÍTULO 9	117
THE INTERCOMPREHENSION BETWEEN PORTUGUESE, SPANISH AND FRENCH AS A STRATEGY FOR TEACHING PORTUGUESE AS A FOREIGN LANGUAGE TO FRENCH STUDENTS AT FRENCH UNIVERSITIES	
Carolina Nogueira-François	
DOI 10.22533/at.ed.9241924079	
CAPÍTULO 10	128
UMA ABORDAGEM SINCRÔNICA E DIACRÔNICA DAS UNIDADES FRASEOLÓGICAS PORTUGUESAS ASSOCIADAS AO CORPO HUMANO	
Maria Auxiliadora da Fonseca Leal	
Karlla Andrea Leal Cruz	
DOI 10.22533/at.ed.92419240710	
CAPÍTULO 11	141
UM ESTUDO DISCURSIVO DO LÉXICO EM <i>O EMPATE</i> , DE FLORENTINA ESTEVES	
Edilene da Silva Ferreira	
DOI 10.22533/at.ed.92419240711	
CAPÍTULO 12	153
OS MULTILETRAMENTOS NOS PROCESSOS ENUNCIATIVOS DE PRODUÇÃO DE SENTIDO	
Carolina Fernandes da Silva Mandaji	
Maria de Lourdes Rossi Remenche	
DOI 10.22533/at.ed.92419240712	
CAPÍTULO 13	165
SUBJETIVIDADE E IDENTIDADE NOS LADRÕES DO MARABAIXO: CONTRIBUIÇÕES PARA ESCOLARIZAÇÃO DOS AFROSABERES AMAPAENSES	
Drieli Leide Silva Sampaio	
Fabiana Almeida Sousa	
DOI 10.22533/at.ed.92419240713	
CAPÍTULO 14	178
O TRATAMENTO LEXICOGRÁFICO DO VOCABULÁRIO TÉCNICO-CIENTÍFICO EM MINIDICIONÁRIOS ESCOLARES DO TIPO 3	
Maryelle Joelma Cordeiro	
DOI 10.22533/at.ed.92419240714	
CAPÍTULO 15	191
OPERADORES ARGUMENTATIVOS USADOS NO GÊNERO EDITORIAL ENQUANTO RECURSOS NA CONSTRUÇÃO DO DISCURSO PERSUASIVO	
Míriam Silveira Parreira	
DOI 10.22533/at.ed.92419240715	
CAPÍTULO 16	215
O PROJETO <i>EDUCAÇÃO PARA LIBERDADE</i> , EM CAMPOS BELOS, GOIÁS: UMA ANÁLISE FOUCAULTIANA	
Ronivaldo de Oliveira Rego Santos	
Luciana Nogueira da Silva	
Wanderson Luiz Oliveira	
DOI 10.22533/at.ed.92419240716	

CAPÍTULO 17	227
O CARÁTER ARTÍSTICO E ESTÉTICO DA LITERATURA: UMA ABORDAGEM TEÓRICA	
Deisi Luzia Zanatta	
Fabiano Tadeu Grazioli	
DOI 10.22533/at.ed.92419240717	
CAPÍTULO 18	236
O QUE É QUE O RUSSO DE ORIOL TEM A VER COM O BAIANO DE IRARÁ?	
Celina Cassal Josetti	
DOI 10.22533/at.ed.92419240718	
CAPÍTULO 19	245
POESIA PROFANA E RELIGIOSA NA ERA MEDIEVAL	
Gláucia do Carmo Xavier	
DOI 10.22533/at.ed.92419240719	
CAPÍTULO 20	262
“OS LUSÍADAS”: UMA ANÁLISE DO EPISÓDIO “OS DOZE DE INGLATERRA”	
Gláucia do Carmo Xavier	
DOI 10.22533/at.ed.92419240720	
CAPÍTULO 21	275
PRESERVAÇÃO DA FACE E (DES)CORTESIA NO DISCURSO LITERÁRIO DO ROMANCE MEU DESTINO É PECAR, DE NELSON RODRIGUES	
Fabiana Meireles de Oliveira	
Rodrigo Leite da Silva	
DOI 10.22533/at.ed.92419240721	
CAPÍTULO 22	286
VIOLÊNCIA DOMÉSTICA CONTRA A CRIANÇA E A ATUAÇÃO DOS PROFESSORES DO ENSINO FUNDAMENTAL NO ENFRENTAMENTO	
Welton Rodrigues de Souza	
Maria José de Jesus Alves Cordeiro	
DOI 10.22533/at.ed.92419240722	
SOBRE O ORGANIZADOR	297
ÍNDICE REMISSIVO	298

O TRATAMENTO LEXICOGRÁFICO DO VOCABULÁRIO TÉCNICO-CIENTÍFICO EM MINIDICIONÁRIOS ESCOLARES DO TIPO 3

Maryelle Joelma Cordeiro

Universidade Federal de Minas Gerais – Belo Horizonte, Minas Gerais.

RESUMO: O tema que serviu de inspiração para a elaboração deste artigo nasceu a partir das discussões feitas na disciplina *Seminário de Tópico Variável em Linguística aplicada: A lexicografia pedagógica no ensino de português*, ministrada pelo Professor Doutor Aderlande Pereira Ferraz, no primeiro semestre do ano de 2012, no âmbito do curso de Pós Graduação em Estudos Linguísticos oferecido pelo Programa de Pós-graduação em Estudos Linguísticos da Universidade Federal de Minas Gerais. Após uma introdução sobre os aspectos teóricos gerais da Lexicografia abordados durante a disciplina, foram abordados temas como a tipologia de obras lexicográficas, a estrutura do dicionário linguístico, a complexidade da produção de dicionários, o percurso histórico dos dicionários de língua portuguesa, o dicionário como instrumento didático, o programa nacional do livro didático e a avaliação do dicionário escolar, bem como crenças de professores sobre o papel do dicionário no ensino de língua portuguesa. Após inúmeras considerações e discussões feitas em sala de aula, foi solicitada a elaboração de um trabalho prático em que fosse realizada a análise crítica do registro

e do tratamento lexicográfico dado pelo minidicionário escolar do tipo 3 ao vocabulário técnico-científico de disciplinas como a Matemática, a Biologia, a Física e a Química. O objetivo da proposta foi avaliar como é realizado o tratamento e apresentação de termos dessas áreas científicas nos minidicionários escolares do tipo 3, desenvolvidos para alunos do Ensino Fundamental II, público que utiliza frequentemente este tipo de dicionário para consulta, tanto em sala de aula, como para pesquisas feitas em casa.

PALAVRAS-CHAVE: Léxico; Lexicografia; Ensino de língua; Dicionários escolares.

ABSTRACT: The topic by which this article was inspired came up from discussions in the *Applied Linguistics Seminar of Variable Topic: The pedagogical lexicography in Portuguese teaching*, facilitated by Professor Aderlande Pereira Ferraz, in the first semester of 2012, in the scope of the Postgraduate Course in Linguistic Studies offered by the Postgraduation Program in Linguistic Studies from Federal University of Minas Gerais. After an introduction on the general theoretical aspects of lexicography addressed during the course, topics were discussed such as the typology of lexicographic works, linguistic dictionary structure, dictionaries production complexity, the historical path of Portuguese language

dictionaries, the dictionary as a pedagogical tool, the national textbook program and the evaluation of the school dictionary, as well as teachers' belief about the dictionary role in Portuguese teaching. After numerous considerations and discussions in the classroom, a practical task was requested concerning the lexicographic register and treatment given by the school mini-dictionary of type 3 to the technical-scientific vocabulary of Mathematics, Biology, Physics and Chemistry. The goal was to assess the treatment and presentation of terms from these scientific areas in the type 3 mini-dictionaries which are developed for elementary school students, who often use this type of dictionary either in classroom, or while doing homework.

KEYWORDS: Lexicon; Lexicography; Language teaching; School Dictionaries.

1 | INTRODUÇÃO

Neste trabalho, objetivamos analisar como os minidicionários escolares do tipo 3 apresentam definições de termos técnico-científicos das áreas de conhecimento da Matemática, Biologia, Química e Física em suas obras lexicográficas. Além disso, pretendemos verificar quais termos constam nesse tipo de dicionário e como é realizado o tratamento lexicográfico dessas palavras, levando-se em consideração o contexto escolar dos usuários deste tipo obra, as séries finais do Ensino Fundamental II, e como esse aluno assimila as definições de tais termos proposta pelos minidicionários.

2 | ALGUMAS CONSIDERAÇÕES SOBRE A LEXICOGRAFIA

A Lexicografia é uma das Ciências do Léxico responsável pelo estudo do repertório escrito e oral da língua, bem como pela organização e elaboração dos dicionários.

Os estudos lexicográficos, no Ocidente, remontam ao início da Era Moderna. As primeiras obras de caráter lexicográfico eram uma espécie de lista de palavras que serviam para ajudar na leitura de textos clássicos latinos e que também auxiliavam na interpretação da Bíblia. Para a elaboração desses trabalhos, as listas eram baseadas principalmente nos glossários latinos do período Medieval.

O Professor Telmo Verdelho, da Universidade de Aveiro, em Portugal, no texto *Dicionários portugueses: Breve História* comenta algumas motivações que levaram à criação das primeiras listas vocabulares: “Foi inicialmente motivada pelas solicitações do ensino do latim como língua não materna, e encontrou na técnica tipográfica uma condição determinante para a sua configuração e difusão.” (Verdelho, 2002, p.15)

Foi na época do Humanismo, por volta dos séculos XVI e XVII, que a Lexicografia começou a se consolidar como disciplina linguística. Ainda segundo o mesmo autor, houve na Europa, desde a Idade Média, uma necessidade pelo uso da tecnologia da escrita e devido à escolarização do latim ocorreu também o interesse pela

dicionarização das línguas vulgares. Em muitas cidades europeias, foram criados dicionários monolíngues e bilíngues, escritos em Latim e em outra língua moderna.

No que diz respeito às origens dos dicionários em língua portuguesa, convém citar toda a extensa produção lexicográfica jesuítica, voltada para a produção de materiais escolares com enfoque na formação linguística não só de religiosos, como também na catequização dos índios brasileiros. Essas obras foram fundamentais e são consideradas de extrema importância para a formação e fixação do léxico da língua portuguesa, não só em Portugal, como também no Brasil.

Um dos pioneiros na elaboração de dicionários em língua portuguesa, no século XVIII, cujo nome merece destaque é o do padre D. Raphael Bluteau. O padre D. Raphael de Bluteau foi um clérigo de origem francesa, nascido na Inglaterra. Desde muito jovem foi enviado a Portugal, onde aprendeu rapidamente a língua portuguesa. De posse de vasto conhecimento, não só do português, como também do francês, do italiano e do latim, Bluteau elaborou o *Vocabulário Português-Latino*. A obra bilíngue foi publicada em oito volumes no período compreendido entre 1712 a 1728. Possuía caráter enciclopédico, pois apresentava grandeza de detalhes relacionados aos conhecimentos da época.

Baseada nos trabalhos realizados por Bluteau, outra obra que merece destaque e também foi de importância fundamental para a Lexicografia Portuguesa foi publicada por Antônio de Moraes e Silva. A obra intitulada *Dicionário da Língua Portuguesa* foi publicada em duas edições, sendo a primeira no ano de 1789 e a segunda em 1813. A proposta da obra era de uma reedição reduzida da obra feita por Bluteau, reformulada e acrescida por Moraes e Silva. Apesar de atribuir sua obra a uma reedição da obra de Bluteau, pode-se perceber que na obra de Moraes e Silva há uma objetivação no tratamento de dados e uma proposta lexicográfica completamente diferentes daquelas feitas por Bluteau. Foi somente na publicação da 2ª edição que o autor atribuiu a si a plena autoria.

O *Dicionário da Língua Portuguesa* de Moraes e Silva é considerado o primeiro dicionário moderno da Língua Portuguesa. No compêndio foram eliminadas as informações enciclopédicas, onomásticas e bilíngues presentes na obra de Bluteau e a ele foram acrescentadas outras vinte e duas mil novas entradas.

Podemos perceber que a Lexicografia tem se ocupado desde tempos pretéritos com a descrição lexicográfica, cujo objetivo principal é analisar a significação das palavras. Uma vez que o léxico de uma língua é formado por palavras, cabe ao dicionário realizar a tentativa de descrição do léxico de uma língua. Dessa maneira, o dicionário é concebido como sendo responsável pela organização sistemática do léxico e pela sua descrição. Além disso, os dicionários também buscam registrar e definir os signos lexicais que se referem a conceitos elaborados e cristalizados na cultura. Trata-se um produto cultural de extrema importância nas sociedades contemporâneas, destinados ao grande público.

Com relação ao papel social exercido pelo dicionário, Biderman faz algumas

considerações extremamente relevantes ao explicar que:

Dado o papel do dicionário em relação à norma social, por registrar a linguagem aceita e valorizada na comunidade dos falantes e também por ser o depositário do acervo lexical da cultura, ele é uma referência básica para uma comunidade. Por isso o dicionário é um instrumento indispensável e imprescindível na fixação do léxico de uma língua e ferramenta fundamental na consolidação de uma língua escrita e literária.” (Biderman, p.75, 2002)

Existem várias tipologias de dicionários, dentre as quais podemos citar: os dicionários monolíngues, os dicionários de língua; os dicionários analógicos também conhecidos como ideológicos; os dicionários temáticos ou dicionários especializados, como os dicionários de verbos, regências, antônimos e sinônimos; os dicionários etimológicos; os dicionários históricos e, por fim, os dicionários terminológicos que compreendem termos de diferentes áreas de especialidade e do conhecimento.

O dicionário conhecido como *Thesaurus* é aquele que contém de 100 a 400 mil palavras, sendo considerado um tesouro lexical da língua. Frequentemente esse tesouro lexical se subdivide e é apresentado em diversas tipologias de dicionários. O dicionário padrão, ou dicionário geral de língua é aquele que abrange de 50 a 70 mil palavras em sua macroestrutura. Estão presentes nele inúmeros termos técnicos e científicos, além de regionalismos e termos raros. O dicionário do tipo escolar é apresentado em diversas subcategorias: tipo 1, tipo 2 e tipo 3, com um repertório que varia de 1.000 a 35 mil entradas. Por fim, existe ainda o dicionário infantil, obra indicada para a faixa etária de 7 a 10 anos, com um repertório de aproximadamente cinco mil palavras.

Na estruturação de um dicionário estão presentes os lemas, ou entradas lexicais, que fazem referência ou a um termo da língua ou a um referente do universo extralinguístico. A nomenclatura do dicionário, ou seja, sua macroestrutura é constituída pela lista total dos lemas. Já o verbete e a estrutura interna de cada verbete compõem a microestrutura. Na microestrutura, a palavra é definida e o sentido do vocábulo pode ser explicitado por meio de abonações (citações tiradas de obras literárias) ou exemplos (aqueles criados pelo autor). No verbete, ainda, devem estar contempladas informações relativas a registros sociolinguísticos do uso da palavra e outras unidades léxicas associadas ao lema por meio de redes semântico-lexicais.

3 | A LEXICOGRAFIA PEDAGÓGICA E OS DICIONÁRIOS ESCOLARES

A principal função da Lexicografia Pedagógica é realizar a elaboração de dicionários cuja proposta esteja adequada para o ensino. Ela abrange a área de estudo voltada para a relação entre o dicionário e o ensino/aprendizagem, tanto de língua materna, quanto de língua estrangeira. É uma área que vem crescendo muito devido à conscientização sobre o importante papel dos dicionários para o ensino/aprendizagem de línguas.

Os estudos da Lexicografia Pedagógica partem do pressuposto de que todo

e qualquer dicionário é um instrumento didático que contém inúmeras informações tanto sobre a língua quanto sobre a cultura de um determinado povo. Assim como existem livros didáticos adequados aos diferentes níveis de ensino, também se deve proceder de maneira igual na escolha do melhor dicionário, do mais adequado para as diferentes situações de ensino, o dicionário que seja adequado às necessidades dos alunos.

O objetivo geral da Lexicografia Pedagógica é descrever o potencial didático dos dicionários. Também oferece subsídios para que o uso do dicionário seja produtivo e voltado para o ensino e aprendizagem de línguas, tanto materna quanto estrangeira. São inúmeras as motivações para a realização de estudos na área de Lexicografia Pedagógica. Dentre elas, pode-se citar a falta de consciência de que o dicionário é um lugar de lições sobre a língua e o fato de que o dicionário de línguas é pouco e mal explorado pelos docentes.

Do ponto de vista do potencial pedagógico, a Lexicografia Pedagógica oferece informações sistematizadas sobre o léxico, bem como sobre os componentes gramatical, linguístico e discursivo das unidades lexicais. Ela contribui ainda para a alfabetização, para o desenvolvimento da competência de leitura e produção textual e os estudos históricos e descritivos da língua.

3.1 Os dicionários escolares

Para Krieger (2006, p.174), “o dicionário de língua é a mais prototípica das obras lexicográficas - constitui-se no único lugar que reúne, de modo sistemático, o conjunto dos itens lexicais criados e utilizados por uma comunidade linguística, permitindo que ela reconheça a si mesma em sua história e em sua cultura”.

No Brasil, a iniciativa de uso de dicionários escolares partiu de uma iniciativa da sociedade e não do MEC.

A partir do ano 2001, os dicionários começaram a ser avaliados para serem, em seguida, distribuídos às escolas. Mas tais obras, até esse período, eram de uma única tipologia, os minidicionários. Foi somente mais tarde, depois da criação do PNLD, que o MEC passou a incluir o dicionário no material escolar, na bibliografia básica usada pelos estudantes. Com o PNLD de 2006 que o dicionário foi incluído no programa. Assim, o MEC começou a aperfeiçoar as diretrizes e estabelecer critérios para a seleção e escolha dos dicionários escolares.

3.2 Tipologia dos dicionários escolares

- a. **TIPO 1** - No dicionário de tipo 1 constam no mínimo 1000 e no máximo 3.000 verbetes. A proposta lexicográfica é adequada para se introduzir o uso do dicionário ao aluno em fase de alfabetização.
- b. **TIPO 2** - Já o dicionário de tipo 2 deve conter no mínimo 3.500 e no máximo 10.000 verbetes. A proposta lexicográfica é adequada aos alunos em fase

de consolidação e do domínio da língua escrita.

- c. **TIPO 3** - É o dicionário que contém no mínimo 19.000 e no máximo 35.000 verbetes. A proposta lexicográfica desse tipo de dicionário é orientada pelas características de um dicionário padrão, porém é adequada a alunos das séries finais do segmento do Ensino Fundamental II.

4 | ANÁLISE CRÍTICA DO TRATAMENTO LEXICOGRÁFICO DAS DEFINIÇÕES DOS TERMOS TÉCNICO-CIENTÍFICOS NOS DICIONÁRIOS ESCOLARES.

Para a realização da análise, os termos consultados foram extraídos de três minidicionários de tipo 3, a saber: o *Míni Aurélio: O Dicionário da Língua Portuguesa* (2008); o *Minidicionário Houaiss da Língua Portuguesa* (2010) e o *Minidicionário Luft* (2005). Esclarecemos que a escolha de tais obras para a elaboração deste trabalho deve-se ao fato de serem obras renomadas e respeitadas pelo público brasileiro, sendo distribuídas oficialmente pelo Ministério da Educação (MEC) e adotadas por milhares de escolas e pais de alunos. Para o estudo, foram selecionados os seguintes termos:

Matemática: *abscissa, biunívoco, circunferência, fração e vértice.*

Biologia: *célula, cromossomo, enzima e vírus.*

Química: *ácido, molécula, combustão, fórmula e substância.*

Física: *frequência, velocidade, potência, energia e aceleração.*

A transcrição dos verbetes pode ser visualizada no quadro a seguir:

	Mini Aurélio	Minidicionário Houaiss	Minidicionário Luft
Matemática	<p>abs.cis.sa <i>s.f. Geom.</i> Coordenada cartesiana correspondente ao eixo horizontal, no plano. bi.u.ní.vo.co <i>adj.Mat.</i> Diz-se da relação ou correspondência entre dois conjuntos, em que cada elemento do primeiro corresponde a apenas um elemento do segundo, e vice-versa.</p> <p>cir.cun.fe.rên.cia <i>s.f. 1. Geom.</i> Lugar geométrico dos pontos dum plano equidistantes dum ponto fixo. 2. V. círculo (2)</p> <p>fra.ção <i>s.f. 1.</i> Parte de um todo. 2. Mat. Número que representa uma ou mais partes da unidade que foi dividida em partes iguais. [Pode ser escrita em forma decimal, como por ex., 0,5 ou 0,375; ou na forma de divisão entre dois números inteiros, um acima outro abaixo de um traço: $\frac{1}{2}$.] [Pl.: -ções.]</p> <p>vér.ti.ce <i>s.m. 1.</i> O ponto culminante; cimo. 2. Anat. O ponto mais alto da abóbada craniana (e do corpo humano em sua posição ereta normal). 3. Geom. Ponto comum a duas ou mais retas ou segmentos de retas, ou que pertence a mais de um lado ou face de uma figura.</p>	<p>abscissa <i>s.f. GEOM 1.</i> distância numa reta entre um ponto e outro tomado como origem. biunívoco <i>adj.</i> que associa a cada um dos elementos de um conjunto um único elemento de outro conjunto, e vice-versa (diz-se da relação)</p> <p>circunferência <i>s.f. 1.</i> linha curva fechada que limita um círculo. 2. p.ext. perímetro de uma área; contorno (<i>a c. de uma ilha</i>)</p> <p>fração [pl.: -ões] <i>s.f. 1.</i> parte de um todo. 2. MAT uma ou mais partes em que se divide a unidade. 3 MAT representação numérica (<i>p.ex. 3/4, 1/3</i>) que indica o quociente de dois números. f. decimal <i>loc. subst.</i> fração própria cujo denominador é dez ou uma potência inteira de dez. f. imprópria <i>loc. subst.</i> aquela cujo numerador é maior que o denominador. f. ordinária <i>loc. subst.</i> fração cujo denominador não é uma potência de dez. f. própria <i>loc. subst.</i> aquela cujo numerador é menor que o denominador.</p> <p>vértice <i>s. m. 1.</i> o ponto oposto mais afastado da base de uma figura. 2. p.ext. ápice, cume, base. 3. GEOM ponto onde duas ou mais retas se cruzam, formando um ângulo.</p>	<p>abscissa <i>s.f.</i> primeira das coordenadas que, no sistema cartesiano, definem a posição de um ponto sobre um plano ou espaço, ou coordenada que define a posição de um ponto sobre uma linha.</p> <p>biunívoco - o vocábulo não consta.</p> <p>circunferência <i>s.f. (Geom.) 1</i> Curva plana, fechada, cujos pontos estão todos à mesma distância de um ponto interior, dito centro.</p> <p>fração <i>s.f. 2</i> (Mat.) Expressão indicativa do número de partes consideradas, quando um todo é dividido em partes iguais (<i>p.ex.: a fração $\frac{3}{5}$ indica 3 das 5 quitas de um todo</i>).</p> <p>vértice <i>s.f. 3.</i> (Geom.) Ponto comum a duas ou mais retas.</p>
Biologia	<p>cé.lu.la <i>s.f. 1. Biol.</i> Unidade estrutural e funcional básica dos seres vivos, ger. De dimensões microscópicas, composta de numerosas partes, sendo as principais a membrana, o citoplasma e o núcleo. 2. Eletr. Dispositivo que produz corrente elétrica a partir de reações químicas ou que as provoca (<i>por ex., eletrólise</i>) empregando corrente elétrica. 3. Eletrôn. Nome dado a diversos dispositivos fotoelétricos.</p> <p>Célula solar. Fotocélula (2).</p> <p>cro.mos.so.mo <i>s.m. Citol. Genét.</i> Unidade morfológica e fisiológica, visível ou não ao microscópio óptico, e que contém a informação genética.</p> <p>en.zi.ma <i>s.f. 1.</i> Fermento solúvel. 2. Quím. Proteína com propriedades catalíticas específicas. § En.zi.má.ti.co <i>adj.</i></p> <p>ví.rus <i>s.m.2n. 1. Biol.</i> Agente infeccioso muito diminuto, visível apenas ao microscópio eletrônico, sem metabolismo próprio, donde a necessidade de parasitar células vivas. [segundo o material genético, se dividem em <i>vírus DNA</i> e <i>vírus RNA</i>.] 2. Inform. Programa carregado no computador do usuário, sem o conhecimento deste, e que, ao ser ativado de forma involuntária, executa tarefas de natureza destrutiva.</p>	<p>célula <i>s.f. 1.</i> BIO unidade microscópica estrutural e funcional dos seres vivos, constituída de material genético, citoplasma e membrana plasmática. 2. pequena cela. 3. fig. grupo de pessoas com um mesmo ideal e atuação (<i>c. revolucionária</i>) c. fotoelétrica. <i>loc. subst.</i> dispositivo fotossensível que gera corrente ou tensão elétrica quando estimulado ~ celulosidade <i>s.f.</i> – celuloso <i>adj.</i></p> <p>fotossíntese <i>s.f.</i> BIO processo químico pelo qual plantas clorofiladas e diversas espécies de bactérias sintetizam substâncias orgânicas a partir do gás carbônico atmosférico e da água, utilizando a luz como fonte de energia ~ fotossintético <i>adj.</i></p> <p>cromossomo /ô/ <i>s.m.</i> parte de célula vegetal ou animal que contém os genes que determinam as características desse vegetal ou animal. ~ cromossômico <i>adj.</i></p> <p>enzima <i>s.f.</i> proteína orgânica capaz de acelerar reações químicas em seres vivos ~ enzimático <i>adj.</i> – enzímico <i>adj.</i></p> <p>vírus <i>s.m. 2n. 1</i> agente infeccioso diminuto que se multiplica no interior de células vivas 2 INF programa de computador capaz de criar cópias de si mesmo, que ger. destrói arquivos memória, etc. v. da imunodeficiência humana <i>loc. subst.</i> nome de dois tipos de vírus, responsáveis pela aids [sigla, em ing.: <i>HIV</i>]</p>	<p>célula <i>s.f. 2.</i> (Biol.) Cada um dos corpúsculos formadores dos tecidos animais e vegetais.</p> <p>fotossíntese <i>s.f.</i> (Bot.) Síntese da matéria orgânica, nas plantas clorofiladas, sob a influência da luz solar.</p> <p>cromossomo <i>s.m.</i> Material hereditário contido em cada célula animal ou vegetal.</p> <p>enzima <i>s.f.</i> Fermento solúvel que se forma e atua no organismo animal.</p> <p>vírus <i>s.m. 2n. 1.</i> Agente microscópico que produz certas doenças no homem, nos animais e nas plantas e provoca a produção de anticorpos específicos.</p>

<p>Química</p>	<p>á.ci.do <i>s.m</i> 1. <i>Quím.</i> Qualquer de uma classe de substâncias que se dissociam em água formando íons hidrônio, que são capazes de ceder prótons, de aceitar um par de elétrons, que reagem com uma base para dar um sal. <i>Adj.</i> 2. <i>V.</i> azedo (1). 3. Que tem propriedades de um ácido (1). 4. Fig. Corrosivo, mordaz. Ácido desoxirribonucleico (cs) <i>Quím.</i> Biopolímero que constitui os genes e orienta a biossíntese das proteínas. [Sigla: <i>ADN</i> e (ingl.) <i>DNA</i>.] Ácido ribonucleico <i>Quím.</i> Qualquer de certos biopolímeros que têm papel auxiliar na biossíntese das proteínas. [Sigla: <i>ARN</i> e (ingl.) <i>RNA</i>.] mo.lé.cu.la <i>s.f</i> 1. <i>Fis.-Quím.</i> A menor porção duma substância capaz de existência independente sem perder suas propriedades químicas. com.bus.tão <i>s.f</i> 1. Ação de queimar. 2. Estado de um corpo que arde produzindo calor, ou calor e luz. [Pl.: <i>-ões</i>.] fór.mu.la <i>s.f</i> 1. Expressão dum preceito, regra ou princípio. 2. Modo já estabelecido para requerer, declarar, executar, etc., alguma coisa, com palavras precisas. 3. Receita (3). 4. <i>Med.</i> Enumeração, com as respectivas quantidades, das substâncias que devem ser associadas para produzir determinados efeitos. subs.tân.cia <i>s.f</i> 1. A parte real, ou essencial, de algo. 2. A natureza dum corpo; matéria. 3. O que é necessário à permanência material de uma coisa. 4. O que é necessário à vida; sustância. 5. Qualquer matéria caracterizada por suas propriedades específicas.</p>	<p>ácido <i>adj.</i> 1 azedo, amargo (<i>gosto á.</i>) 2 de odor provocante 3 que tem propriedade ácida, corrosiva (<i>dissolvente á.</i>) 4 (<i>fig.</i>) irônico ou cruel; corrosivo (<i>comentário á</i>) <i>s.m.</i> 5. substância ou íon capaz de doar prótons e que reage com base para formar sal e água. molécula <i>s.f.</i> <i>QUÍM</i> a menor porção de uma substância que mantém todas as propriedades da substância e pode compor-se de um ou mais átomos ~ molecular <i>adj.</i> <i>2g.</i> combustão [pl. <i>-ões</i>] <i>s.f.</i> 1 Ato ou efeito de queimar 2. fenômeno da combinação de oxigênio com uma substância combustível, gerando luz e calor. fórmula <i>s.f.</i> 1 expressão de uma regra, princípio ou preceito (<i>as f. dos ritos religiosos</i>) 2 descrição científica sob forma de símbolos e figuras (<i>f. matemática</i>) 3 palavra ou expressão consagrada pelo uso e imposta por regras de etiqueta, convenções etc. (<i>f. de cortesia</i>) 4 <i>p.ext.</i> frase feita; lugar-comum (<i>não tem imaginação, só repete f. já testadas</i>) 5 modo de proceder, método (<i>não há f. garantida para o sucesso</i>) 6 representação das proporções dos diversos componentes de uma substância ou mistura. substância <i>s.f.</i> 1 qualquer espécie de matéria (<i>s. sólida</i>) 2 a parte essencial de algo 3 <i>fig.</i> força, vigor (<i>faltou s. em sua apresentação</i>) 4 o que há de nutritivo nos alimentos (<i>esse caldo não tem s.</i>) ~ substancioso <i>adj.</i></p>	<p>ácido <i>s.m.</i> 2. (<i>Quím.</i>) Substância que se dissocia em solução aquosa, podendo agir como doadora de próton e que, de uma base, reage formando um sal. molécula <i>s.f.</i> Agrupação definida e ordenada de átomos, eletricamente neutra. combustão <i>s.f.</i> 1. Ação ou efeito de queimar. 2. Estado de corpo que se consome queimando, produzindo calor (e luz); ignição. fórmula <i>s.f.</i> 4. (<i>Quím.</i>) Representação simbólica das combinações químicas segundo os elementos componentes. substância <i>s.f.</i> 1. O que subsiste por si. 2. Matéria. 3. Parte principal; essência.</p>
-----------------------	--	---	---

<p>Física</p>	<p>fre.quên.cia <i>s.f.</i> 1. Ato ou efeito de frequentar. 2. Repetição amiudada de fatos ou acontecimentos. 3. As pessoas que frequentam um lugar. 4. <i>Fís.</i> Número de ciclos que um sistema com movimento periódico efetua na unidade de tempo.</p> <p>ve.lo.ci.da.de <i>s.f.</i> 1. Qualidade de veloz; rapidez. 2. <i>Fís.</i> Medida expressa na relação entre um espaço percorrido e o tempo gasto para percorrê-lo.</p> <p>po.tên.cia <i>s.f.</i> 1. Qualidade de potente. 2. Vigor, força. 3. Vigor sexual. 4. Força aplicada à realização de certo feito. 5. Nação poderosa. 6. <i>Fís.</i> A energia produzida ou consumida, por unidade de tempo, em um sistema. 7. <i>Mat.</i> Produto (6) de fatores iguais; o resultado de uma série de multiplicações em que o mesmo número é repetido como fator. [A quantidade de fatores iguais é indicada por um ordinal: <i>1.000 é a terceira potência de 10.</i>]</p> <p>e.ner.gia <i>s.f.</i> 1. Força, vigor. 2. Firmeza de caráter. 3. <i>Fís.</i> Propriedade dum sistema que lhe permite realizar trabalho. Energia atômica ou energia nuclear. <i>Fís.</i> A que está associada às forças ou interações entre partículas subatômicas, e que se desprende nas reações nucleares.</p> <p>a.ce.le.ra.ção <i>s.f.</i> 1. Ação ou efeito de acelerar. 2. Rapidez na execução. 3. Pressa, precipitação. 4. Aumento progressivo da velocidade de um veículo automotor. 5. <i>Fís.</i> Taxa de variação da velocidade num intervalo de tempo [símb. usual: <i>a</i>]. [Pl.: -ções.]</p>	<p>frequência <i>s.f.</i> 5 <i>FIS</i> medida de vibração de onda sonora ou de rádio.</p> <p>velocidade <i>s.f.</i> 1 movimento rápido e ligeiro 2. relação entre espaço percorrido e tempo de percurso.</p> <p>potência <i>s.f.</i> 6 <i>FIS</i> a energia transferida em determinado espaço de tempo.</p> <p>energia <i>s.f.</i> 1 <i>FIS</i> capacidade de trabalho de um corpo, de uma substância ou de um sistema físico.</p> <p>aceleração [pl.:ões] <i>s.f.</i> 1. Ato ou efeito de acelerar(-se); aceleração 2 aumento de velocidade ou de movimento, ← desaceleração. 3. Encurtamento do tempo de ocorrência; abreviação, antecipação 9 a. da cura ←atraso.</p>	<p>frequência <i>s.f.</i> 1. Ação de frequentar. 2. Qualidade de frequente. 3. Repetição amiudada. 4. Número de repetições por intervalo de tempo.</p> <p>velocidade <i>s.f.</i> 2. (<i>Fís.</i>) Espaço percorrido por unidade de tempo.</p> <p>potência <i>s.f.</i> 2. Força; vigor.</p> <p>energia <i>s.f.</i> 1. Capacidade para realizar trabalho. 2. Força; vigor.</p> <p>aceleração - o vocábulo não consta.</p>
----------------------	--	---	--

Quadro 1: Transcrição dos verbetes dos minidicionários do tipo 3.

Fonte: Elaborado pela autora, a partir da consulta aos minidicionários do tipo 3. (2019)

Para que tal análise seja mais consistente, a avaliação da apresentação dos termos será feita em duas direções: em primeiro lugar, será avaliada a macroestrutura dos dicionários, ou seja, a organização, a nomenclatura do dicionário como o conjunto de todas as entradas. Em seguida, será feita a análise da microestrutura, das características internas de cada verbete.

Ao analisar a macroestrutura, começa-se primeiramente com a avaliação da proposta lexicográfica presente em cada obra. O dicionário do tipo 3, apesar de ter como público alvo as últimas séries do segundo segmento, não dispõe de uma proposta lexicográfica definida. Mas, ainda que não seja explicitada a proposta lexicográfica nesse tipo de dicionário, esse tipo de obra não parece ser direcionado para alunos do Ensino Fundamental, e sim alunos do Ensino Médio, estudantes universitários e profissionais.

Geralmente, o que ocorre é que os minidicionários são um recorte dos

dicionários gerais de língua. Já no prefácio do *Míni Aurélio* pode ser lido que o tratamento lexicográfico dado à obra foi o mesmo, reduzidas as dimensões, daquele dado ao dicionário geral de língua, chamado *Aurelião*.

Na maioria das vezes, o verbete no dicionário de língua é idêntico ao verbete no minidicionário. Esse tipo de dicionário parece mais voltado aos falantes mais experientes da língua. Assim, quanto mais “subimos” na tipologia, mais nos aproximamos dos dicionários “padrão” de língua (Cf. Biderman, 1984).

Ainda dentro da apresentação do dicionário, com relação à nomenclatura, não existem critérios claros que explicitem a inclusão dos termos técnico-científicos nas obras. Existe somente a menção da consulta às áreas técnicas, mas nada mais explicativo sobre como foi feita a inclusão desses termos e qual seria o tratamento dado a eles. No que diz respeito às abreviações das áreas de conhecimento utilizadas no dicionário, não são explicadas separadamente, mas colocadas junto a todas as outras abreviações. Essa falta de explicitação cria um pouco de dificuldade para o consulente menos experiente.

Em um dicionário que atenda as necessidades do público alvo, devem ser realizados a seleção e o tratamento da nomenclatura de forma a contemplar as disciplinas escolares. O conteúdo visto frequentemente pelos alunos, o vocabulário encontrado geralmente nos livros didáticos, deve estar presente no dicionário que é voltado para a escola.

Para Cano (2002, p.2): “Partimos, pois, do pressuposto de que a aquisição do saber científico é uma das chaves para a formação da cidadania, e cabe à escola desempenhar o papel de transmissora desse saber, que é fundamentado, principalmente, nos livros didáticos e em dicionários”. A mesma autora diz que as séries finais do ensino fundamental são marcadas pela explicitação do conhecimento científico ao qual o aluno passa a ser formalmente apresentado.

Ainda segundo ela:

É nessa altura do currículo que o aluno atinge um nível de conhecimento, geralmente por meio do livro didático, que lhe proporcionará, de alguma maneira, acesso a outras leituras e em consequência à norma linguística e cultural vigente. Nesse ciclo de ensino, o aluno entra em contato com um grande número de unidades léxicas novas, entre elas os termos empregados nas disciplinas Ciências, Matemática, Geografia, História etc., que ele deverá incorporar ao seu vocabulário. Sem a compreensão dessas terminologias pelo educando, dificilmente haverá aprendizagem. (Cano 2002, p. 168)

Nessa fase da vida escolar em que o aluno está sendo exposto a um vocabulário novo que, na maioria das vezes, é de difícil compreensão e um tipo de situação muitas vezes recorrente é aquela em que o aluno, ao realizar uma atividade ou prova, se sente perdido e, por não conhecer o significado de um termo usado no texto da atividade, não consegue realizar o que foi pedido. O dicionário, desde que trabalhado de maneira correta e adequada, poderia ser um instrumento a mais que ajudaria no esclarecimento dessas dúvidas, sendo uma excelente fonte para

pesquisas.

Krieger mostra quais seriam as vantagens do uso do dicionário para o esclarecimento de dúvidas de vocabulário técnico:

Quando usado também para este fim de relação com o mundo dos conhecimentos especializados, o dicionário revela o leque de finalidades de consultas que um estudante pode fazer. Para alcançar tal finalidade, a obra de caráter escolar deve ter o cuidado de registrar termos técnicos das disciplinas que integram os currículos escolares mais avançados. (Krieger, 2007, p.306)

Também Camilotti (2010, p.3) considera importante que o vocabulário que conste no dicionário seja aquele aprendido e visto diariamente nas matérias estudadas pelos alunos. Conforme a autora, “Para este público cabe realizar uma seleção vocabular de termos técnico-científicos calcada nas áreas do conhecimento que são objeto de ensino na escola”.

Ainda Rangel (2007, p.107) reafirma a necessidade de um dicionário que contemplem os termos técnico-científicos. Para o autor, “os dicionários mais adequados seriam, portanto, aqueles que, sem perder sua especificidade como gênero, dialogassem seja com os livros didáticos, seja com obras ficcionais e de entretenimento dirigidas ao público infantil”.

É muito importante que todos os termos das ciências com as quais o aluno passa a ter contato estejam presentes no minidicionário, mas na análise em questão, dos três dicionários somente o *minidicionário Luft* não contemplou todos os verbetes. Nele estão ausentes o termo *biunívoco* e o termo *aceleração*.

Partindo para microestrutura nos dicionários, ou seja, para as características internas de cada verbe, analisa-se, primeiramente, o tipo de definição usada nos verbetes.

Para Finatto (2002), o primeiro problema a ser considerado na definição de termos é o fato que definir um termo equivale a expressar um determinado saber, uma porção de conhecimento especializado. No enunciado estaria envolvida, portanto, a representação conceitual particular que é ligada a um saber científico, tecnológico.

A definição também deveria ser produzida em função do público alvo do dicionário. Deveria haver uma adequação linguística para o público alvo visado, mas é possível notar que não existe mais a mesma preocupação, como acontece nos dicionários de tipo 1 e 2. Diferentemente do tratamento dado ao dicionário do tipo 3, os dicionários do tipo 1 e 2 são adaptados às necessidades do seu consulente. As definições são bem claras, o vocabulário usado é recorrente, geralmente apresentam exemplos claros e não abonações de clássicos do século XIX.

Um tipo de definição que é aconselhável nessa fase de aprendizagem é a definição enciclopédica, que ajuda o aluno a se familiarizar com o conteúdo, tornando mais clara a sua compreensão. Porém em nenhum dos três dicionários analisados os verbetes contemplavam definições enciclopédicas.

Pelo contrário, o que ocorre muitas vezes é usar a definição sinonímica, que

deveria ser evitada, pois poderia causar mais dúvidas ao consulente uma vez que não existem sinônimos perfeitos e apresentar sinônimos para uma palavra muitas vezes não esclarece a dúvida, mas pode levar a outras possíveis dúvidas.

Krieger considera ainda que o uso de sinônimo é, com certeza, eficiente na ampliação da competência lexical do aluno, mas seu uso deveria se limitar àqueles sinônimos que se aproximam semanticamente, mas que não devem oferecer o mesmo sentido.

A definição sinonímica é corrente no *minidicionário Houaiss* que, ao definir os termos *ácido* e *fórmula*, se limita a usar os sinônimos *azedo*, *amargo* para o primeiro e *princípio*, *preceito* para o segundo verbete.

Outro elemento que ajuda também na melhor compreensão dos termos são as ilustrações e o uso de exemplos. Porém em nenhum dos dicionários analisados foram feitas ilustrações ou dados exemplos.

A qualidade das definições depende da exatidão e da clareza na redação dos verbetes. Um dos problemas encontrado na definição dos termos diz respeito às palavras usadas na definição. O que pode se perceber é que o aluno, ao consultar o dicionário para procurar tais termos, na maioria das vezes, se frustra, pois a definição dada é insuficiente ou muito complexa. O que pode ser visto nos dicionários em questão é que frequentemente apareciam na mesma obra definições extremamente complexas, mas também algumas definições muito simples, o que leva à perda de precisão conceitual.

Para Krieger (2004/2005, p.111), “Muitos dicionários utilizados limitam-se a arrolar sinônimos e criam as chamadas definições circulares, ou seja, definem um sinônimo pelo outro e vice-versa, obrigando o consulente a efetuar novas buscas, nada elucidativas”. Esse tipo de definição circular foi encontrado em todos os dicionários analisados. Um exemplo é o verbete circunferência no *Míni Aurélio*. Na definição, foi usada a palavra *equidistantes* que, com certeza, pode ter um significado obscuro para o aluno. Ao procurar o verbete *equidistante* o aluno vai achar a definição *que dista igualmente*. Porém mais um problema surge, porque *dista* pode não ser claro para o aluno e essa falta de clareza levará a recorrer novamente ao dicionário para procurar o significado de *dista*. Para que ele descubra o significado de *dista*, deve recorrer ao verbete *distar*. Entretanto, o consulente, antes de pensar em *distar*, deve pensar que *dista* é uma das conjugações do verbo *distar* e que ele deve procurar não por *dista* e sim por *distar*. Feito isso, muito tempo já se passou e o aluno já está fatigado, cansado por essa busca sem fim, por ter que recorrer ao dicionário para entender o próprio dicionário e por ter que fazer isso por inúmeras vezes. Nesse ponto, ele abandona o dicionário e continua ainda com a dúvida sobre o que seria *equidistante*. Seria bem mais fácil e mais pedagógico se já na primeira entrada estivesse definido como de *igual distância*.

Outro ponto a ser pensado é que o dicionário deve servir também como auxiliar na expansão do repertório lexicográfico dos alunos. Evidentemente que isso deve

ser bem equilibrado, porque as informações contidas em cada verbete devem ser suficientes e atender as necessidades do consulente. Porém, nesse tipo de dicionário, não devem constar informações muito numerosas e muito específicas, pois caso haja essa necessidade o consulente poderá consultar um dicionário específico.

Para finalizar a análise, deve-se frisar que é importante também que nesse tipo de dicionário sejam incluídas informações linguísticas como a formação de plural, a separação silábica e outras informações relativas ao uso, pois no momento em que o aluno recebe uma informação nova, um conhecimento novo teria oportunidade de aprender também um pouco mais sobre o funcionamento da língua.

REFERÊNCIAS

BIDERMAN, Maria Tereza Camargo: *A definição lexicográfica*, in *Terminologia*. TERMISUL, Cadernos do I. L., nº 10, 1993.

BIDERMAN, Maria Tereza Camargo. *As ciências do Léxico*. In: OLIVEIRA, A.M.P.P; ISQUERDO, A.N. *As Ciências do Léxico: Lexicologia, Lexicografia, Terminologia*. 2. ed. Campo Grande: Ed. UFMS, 2001, p. 13-22.

CAMILOTTI, F. C. P. *O dicionário escolar e o estudo de Ciências: uma perspectiva de interação*. In: *Congresso Internacional Linguagem e Interação II*, 2010, São Leopoldo. Anais do Congresso Internacional Linguagem e Interação. São Leopoldo: Casa Leiria, 2010. p. 1-12.

CANO, W. M. *Uma aplicação pedagógica da terminologia: um dicionário escolar de Ciências*. Revista do GELNE (UFC), Fortaleza, v. 4, n. 1/2, p. 168-171, 2005.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. *Míni Aurélio: o dicionário da língua portuguesa*. 7.ed. Curitiba: Positivo, 2008.

FINATTO, M. J. B. *O papel da definição de termos técnico-científicos*. Revista da ABRALIN, Florianópolis, v. 1, n. n.1, p. 73-97, 2002.

HOUAISS, Antônio; VILLAR, Mauro; FRANCO, Francisco Manoel de Mello. *Minidicionário Houaiss da língua portuguesa*. 4.ed. rev. e aum. Rio de Janeiro: Objetiva, 2010.

KRIEGER, M. G. *Tipologias de dicionários: registro de léxico, princípios e tecnologias*. Calidoscópico (UNISINOS), v. 04, p. 141-147, 2006.

LUFT, Celso Pedro. *Minidicionário Luft*. 21ed. São Paulo: Ática, 2005.

NUNES, J. H. & PETER, M. (Orgs.) *História do saber lexical e constituição de um léxico brasileiro*. São Paulo: Humanitas/Pontes, 2002.

RANGEL, E. de O. *Dicionários escolares e políticas públicas em educação: a relevância da proposta lexicográfica*. In: *Dicionários escolares*. São Paulo: Parábola, 2010.

SOBRE O ORGANIZADOR

FABIANO TADEU GRAZIOLI é Doutor e Mestre em Letras pela na Universidade de Passo Fundo/RS (UPF). Especialista em Metodologia do Ensino da Literatura e Licenciado em Letras Português/Espanhol pela Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões (URI). Professor do Departamento de Ciências Humanas da URI, da Faculdade Anglicana de Erechim/RS (FAE) e do Colégio Franciscano São José. Coordenou o segmento de Literatura Infantil e Juvenil da Habilis Press Editora por cinco anos. Contemplado com a Bolsa FUNARTE de Produção Crítica sobre Conteúdos Artísticos em Mídias Digitais/Internet - Edição 2009, a partir da qual desenvolveu a pesquisa *Leitura e fruição na tela: um olhar crítico em direção à ciberpoesia*. Contemplado com a Bolsa FUNARTE de Circulação Literária - Edição 2010, com a qual desenvolveu o projeto *Leitura dramática: revelando a dramaturgia brasileira para jovens leitores e suas comunidades*. Contemplado com a Bolsa Biblioteca Nacional/FUNARTE de Circulação Literária - Edição 2012, a partir da qual desenvolveu o projeto *Dramaturgia e jovens leitores: encontros necessários nos territórios da cidadania*. Autor de *Teatro de se ler: o texto teatral e a formação do leitor* (Ediupf), que teve sua segunda edição em 2019. Organizou, entre outras, as obras: *Teatro infantil: história, leitura e propostas* (Positivo), sobre dramaturgia para crianças e jovens, que recebeu o Prêmio de Melhor Livro Teórico 2016 (Produção 2015), e, no mesmo ano, o Selo Altamente Recomendável – Livro Teórico, da Fundação Nacional do Livro Infantil e Juvenil (FNLIJ); e com Rosemar Eurico Coenga, *Literatura de recepção infantil e juvenil: modos de emancipar* (Habilis Press), que recebeu o Prêmio de Melhor Livro Teórico 2019 (Produção 2018), e, no mesmo ano, o Selo Altamente Recomendável – Livro Teórico, da FNLIJ.

ÍNDICE REMISSIVO

A

Análise do discurso 165

C

Crônica 15

D

Diacronia 128

Dicionários escolares 178, 190

Discurso 6, 1, 46, 49, 51, 60, 61, 62, 91, 92, 93, 141, 142, 143, 144, 165

E

Educação infantil 103, 109, 115

Efeitos de Sentido 49

Ensino 7, 10, 15, 28, 29, 46, 87, 89, 169, 178, 179, 183, 186, 209, 215, 224, 225, 245, 286, 287, 297

Ensino de língua 29, 178

Escrita 15

F

Fotografia 8, 63, 65, 66, 77

Fraseologia 128, 130, 139

G

Gênero Textual 15

H

História Oral 63, 66, 76

I

Identidade 165

J

Juridiquês 30, 37

Justiça 6, 8, 30, 32, 33, 34, 37, 39, 40, 41, 42, 45, 46, 47, 200, 208, 215, 219, 220, 221, 225, 226

L

Lexicografia 178, 179, 180, 181, 182, 190

Linguagem escrita 103

Linguagem jurídica 30, 46, 47, 48

Linguagem oral 103, 110

Literatura 103, 106, 141, 230, 235, 236, 239, 245, 246, 261, 274, 297

Lusofonia 49

M

Memória 8, 62, 63, 65, 66

Multiletramentos 153

P

Português 6, 15, 37, 46, 48, 79, 80, 81, 85, 87, 88, 89, 90, 92, 102, 117, 118, 126, 128, 130, 131, 140, 165, 180, 215, 285, 297

Português para estrangeiros 126

Práticas de leitura 153

S

Semiótica 153, 158, 160, 163, 164

Sequência Didática 15

Sincronia 128

Subjetividade 165, 226

Agência Brasileira do ISBN
ISBN 978-85-7247-492-4



9 788572 474924